

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE034073

PIAUÍ, Francelino S. Campinas bibliográfica (1). Correio Popular,
Campinas, 03 dez., 1972.

Campinas bibliográfica

F. S. PIAUI

"Aproveitando o ensejo desta série e fazendo jus ao seu titulo, julguei por bem arriscar uma "olhadela" sobre o passado bibliográfico da cidade, atentando, embora aligeirada e superficialmente, para o muito que Campinas tem dado de si para a formação do patrimônio culutral do Brasil".

(Do texto)

NOVA SÉRIE — Embalado quase que exclusivamente pelo sentimento da gratidão, dou hoje início à divulgação de mais uma série de artigos.

Trata-se da justificável tentativa de corresponder, **pública e jornalisticamente**, à generosidade que tenho sido alvo por parte de intelectuais, quer campineiros natos, quer oriundos de outras paragens e aqui residentes e que tiveram a delicadeza de me ofertar obras que, por esse ou aquele motivo, podem e devem ser julgadas como campineiras. — Graças a essa generosidade, tenho atualmente cerca de seis dezenas dessas obras, algumas delas com dedicatórias tão gentis que ultrapassam de muito os limites do meu merecimento e atingem as áreas da minha emoção.

Longe, muito longe de mim, o descabido propósito ou a temerária ousadia de me arriscar à crítica literária ou converter este rodapé de jornal em balcão de perfumarias.

Falece-me capacidade e jeito para tanto e mesmo que a isso pretendesse, esbarraria por certo num empecilho insuperável que é a angustiosa falta de tempo.

De certa data a esta parte, o fator tempo passou a ser a **matéria prima quase que exclusiva** na consecução de todos os meus objetivos. Mergulhado em indelegáveis e indeclináveis compromissos e obrigações que, **de início me roubavam apenas as horas claras do dia**, hoje tais compromissos profissionais se avolumaram a tal ponto que já penetro noite a dentro ou retomo o fio das obrigações pela madrugada e o miolo da noite vai ficando cada vez mais fino. Dia chegará (brevemente pelo que sinto) em que o avanço pela noite encontrar-se-á com o início da madrugada e aí precisarei requerer a São Pedro que me forneça um dia, não de 24 mas de 48 horas.

Assim, nessa trágica escassez de tempo em que me debato seria humana e materialmente impossível apreciar condignamente, uma a uma, as obras que recebo com relativa assiduidade.

Mas entré dizer aqui qualquer coisa em aten-

ção aos autores e a respeito dos livros que recebo e ficar comodamente calado, vai uma extraordinária diferença.

Grosseria das maiores seria ficar eu mudo e indiferente para aqueles que generosa e gentilmente me presentearam com livros, uma vez que disponho desse espaço e não há, por enquanto, lei, portaria ou decreto que me proíba de tentar agradecer, na melhor forma que me for possível, essas generosidades.

Assim, nenhum dos livros que recebi, quer direta (com dedicatória dos autores), quer indiretamente, com dedicatória ou não, deixará de ser aqui mencionado, embora superficialmente.

PORQUE CAMPINAS BIBLIOGRÁFICA?

— Aproveitando o ensejo desta série e fazendo jus ao seu título, julguei por bem arriscar uma “olhadela” sobre o passado bibliográfico da cidade, atentando, embora aligeirada e superficialmente para o muito que Campinas tem dado de si para a formação do patrimônio cultural do Brasil.

Seria extraordinariamente bom se eu aqui pudesse arrolar, mesmo ao longo de vários artigos, todas as obras já escritas em Campinas, sobre qualquer aresta do saber humano, mas infelizmente tal arremetida está completamente fora de minhas possibilidades.

Esta incumbência oportuna e valiosíssima Campinas espera, ao ensejo do seu bi-centenário, não do obscuro sertanejo autor destas linhas, mas de valores humanos altamente categorizados, tais como Teodoro de Souza Campos Junior, Licurgo de Castro Santos Filho, José Roberto do Amaral Lapa, Júlio Mariano, Jolúma Brito, Odilon Nogueira de Matos, Hilton Federici, Celso Maria de Melo Pupo, Maria Luíza Pinto de Moura Ribeiro, Benedito Barbosa Pupo, Geraldo Cesso Junior, Alaor Malta Guimarães, Célia Siqueira Farjallat, Conceição de Arruda Toledo, etc. etc., que dispõem de vocação, tempo e jeito para este mister. — A eles o apelo da História e a súplica de Campinas.

Isto não significa, contudo, que eu deixe de

fazer aqui, embora com senões enormes, uma ligeira referência às publicações do passado.

VAGAS SOMBRAS DO PRETÉRITO

É interessante deixar bem claro que a vida intelectual de Campinas e muito especialmente sua produção bibliográfica, salvo aflorescimentos esporádicos e honrozias, não conta mais de um século.

Do ponto de vista de paisagem humana e cultural, Campinas assim se apresentava em 1870, ou seja há pouco mais de um século atrás; 300 fazendeiros; 117 proprietários urbanos; 23 cultivadores de algodão; 14 cultivadores de cana de açúcar; 11 médicos; 4 parteiras; 7 professores de música; 5 professores de línguas e um arquiteto apenas. A população, no seu conjunto, entre livres e escravos, não chegava a dez mil habitantes.

Pela predominância vertical de fazendeiros e de lavradores, vê-se logo que os prelos aqui se existiam, tinham muito pouco o que fazer. Tal assertiva não quer absolutamente sentenciar que todos os fazendeiros ou todos os barões fossem analfabetos. Longe disso! Mas o que se pode concluir, sem muito esforço, é que numa cidade de lavradores, fruticultores, agro pecuaristas, etc., a produção de livros deveria estar relegada a plano secundaríssimo.

Sabe-se, de sobra e a fartar, que por aqui palmilharam ilustres viajantes, observadores científicos, memorialistas famosos, como Saint Hilaire, Daniel Kidder, Luiz Conty, Von Tshudi e dezenas de outros. Mas sabe-se, ainda e muito mais, que esses homens faziam aqui seus apontamentos, enchiam cadernos, e mais cadernos e depois, ao retornarem às nações de origem, imprimiam essas impressões em língua estrangeira. Tais livros, relatos, apontamentos, depoimentos, etc., etc., jamais poderiam ser arrolados em nossa "Campinas Bibliográfica", uma vez que esta série visa apenas referir-se a livros de Campinas, para Campinas, embora impressos fora, mas que sejam de autoria de gente aqui domiciliada.

Dentro desse deliberado propósito, tudo será feito para que sejam mínimas (e desculpáveis) as involuntárias omissões.